

Fernando Molica

Verbos cansados, mas vivos

Os personagens de “Os verbos estão cansados” (Patuá), livro de contos de Alexandre Brandão, parecem ter sido encontrados por acaso pelo autor, no meio de um dia, de uma fuga, de uma briga, de uma transformação, de um susto, de um crime, de um porre em Lima.

É como se o escritor tivesse esbarrado com eles, num bar, numa esquina, num quintal, num canto de casa, e, por alguns instantes, captasse conversas, confissões e, sabe-se lá como, pensamentos.

Os personagens têm histórias concisas, ainda que algumas se alonguem por toda uma vida que tenha seguido meio arrastada por aí, sem eira, beira ou saída, passadas num país um tanto quanto esgotado de si.

Quase todos parecem em busca de um destino, de uma alternativa. Alguns tentam equacionar um passado que insiste em retornar como o pai que, morto, torna-se ainda mais ansioso que em vida, ou a mãe que não para de se suicidar.

Há o homem que se vê obrigado a fugir da fama de herói que considera injusta, resultado do gesto abrupto que cometera, o de matar um assaltante. Antes tivesse continuado a viver entre as frutas feitas geleias e as flores bem-arranjadas — uma combinação que seria desarrumada pelo tiro e pela notoriedade.

Isildinha, Dora — que detesta seu nome que carrega a palavra dor —, Estefânia, Nani, Cacá, Enzo: todos aparentam algum tipo de cansaço naqueles instantes em que acabam flagrados pelo autor.

Há os que se assustam como Ângela, aquela que tenta negar o próprio espanto, ou como a menina surpreendida por algo que, naquele momento, não sabe definir — discreto, o escritor evita maiores especulações e violações de intimidade.

Um dos grandes méritos do livro é o de fugir da onisciência, como se Brandão admitisse sua incapacidade de saber mais de suas criaturas do que estas julgam conhecer de si mesmas. Elas ficam em suas histórias: pensam, deliram, agem; e ele nos conta o que sabe.

Nós, leitores, que tratemos de preencher os vazios de histórias que não caem na escorregadia e impossível tentação de buscar esgotar a vida de quem quer que seja.

Há personagens mais decididos, como a que dispara a própria vida ao acertar um tiro no meio da testa de alguém que encarnava o poder, e o outro que, músico, vai ao céu na carona de Pixinguinha. Os verbos podem estar cansados, mas, de um jeito ou de outro, continuam vivos; encarnam em vidas discretas, severinas e delicadas como um solo de oboé.

Tales Faria

PSD de Caiado excluiu aliados; Freire avisa que não o apoiará

Ex-presidente nacional do partido Cidadania, o ex-deputado Roberto Freire é um dos poucos sobreviventes da grande geração de políticos brasileiros responsável pela redemocratização do país.

Foi vice-líder no MDB de Freitas Nobre e de Ulysses Guimarães e também líder dos governos Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso.

Um comunista histórico e expoente da esquerda brasileira, Roberto Freire foi eleito como deputado federal por cinco mandatos pelo MDB, pelo PCB, PMDB, PPS e Cidadania, aí já como ex-comunista. Em 1994, fez-se senador por Pernambuco, sempre com atuação destacada no Congresso.

Nos últimos anos, enfrentou forte oposição no partido e na esquerda por seu enfrentamento ao PT e ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Chegou a ser afastado do comando do Cidadania, o que só foi retomado por seu grupo na Justiça, com a eleição de Alex Manente para presidir a sigla.

Defensor histórico de alianças amplas da esquerda, hoje Freire apoia a pré-candidatura a presidente da República do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSD). Nesse caso, tentaria levar seu partido a apoiar Leite, provavelmente com algum sucesso.

O problema é que Eduardo Leite nunca esteve como favorito no PSD para a disputa pelo Planalto. Dos três pré-candidatos da sigla, o escolhido seria o governador do Paraná, Ratinho Junior, que anunciou na segunda-feira, 23, sua desistência de disputar o Palácio do Planalto.

Agora o favoritismo no partido recai sobre o governador de Goiás, Ronaldo Caiado. E Roberto Freire vai looking avisando: “Com Caiado

candidato, teremos uma direita até mais reacionária do que um bolsonarismo com o Paulo Guedes de primeiro-ministro.”

Ou seja: não dá!

“Se for Caiado, não votarei por não ter opção. Estarei escudado ainda mais na idade que dispensa o voto, pois farei 84 anos em abril. Na verdade, vou cuidar da [re]eleição da governadora Raquel Lyra (PSD), em Pernambuco, e deputados federais do Cidadania”, diz Freire.

E seu partido, como fica?

“Nada acertado. Talvez por liberar o voto, ou seguir o PSDB [com quem a sigla mantém uma federação partidária] em uma candidatura olímpica”, especula o dirigente.

“Candidatura olímpica”, para quem não sabe, é uma expressão antiga da política aplicada a quem participa das competições apenas por participar. Não para valer. Tinha também a conotação de candidatura que não era profissional, mas sim, amadora.

Quer dizer que, se Ronaldo Caiado for escolhido como candidato do PSD, ele já entra na disputa excluindo possíveis aliados. Com o sério risco de se tornar, ele próprio, uma “candidatura olímpica” sem apoio nem mesmo em seu partido, já dividido na maioria dos estados entre Lula e o candidato do PL, senador Flávio Bolsonaro (RJ).

Quanto ao Cidadania, também deverá ficar rachado. Mais do que já está. O presidente do partido, Alex Manente, não tem a zelar o passado de esquerda de Roberto Freire. Deverá seguir com Flávio Bolsonaro contra a vontade dos ex-comunistas que ainda restam na sigla.

A decisão está nas mãos do presidente do PSD, Gilberto Kassab. Deverá ser tomada nesta semana.

EDITORIAL

Cultura que precisa ser sempre construída

O Brasil já foi referência mundial em imunização. Durante décadas, a população incorporou a vacina não apenas como um direito, mas como um dever coletivo. Esse patrimônio, no entanto, sofreu abalos recentes, e sua reconstrução exige mais do que campanhas pontuais: depende, sobretudo, de confiança pública, transparência das lideranças e eficiência na execução das políticas de saúde.

Neste contexto, o anúncio do Dia D de vacinação contra a gripe, promovido pelo Ministério da Saúde, surge como um esforço relevante de mobilização nacional. Em pronunciamento, o ministro Alexandre Padilha destacou que a campanha busca imunizar crianças, idosos e gestantes, antecipando-se ao inverno, período em que a circulação do vírus se intensifica. Trata-se de uma estratégia acertada: prevenir antes do pico sazonal é salvar vidas e reduzir a pressão sobre o sistema de saúde.

Os dados reforçam a importância da iniciativa. A vacina contra a gripe pode reduzir em até 60% o risco de internação, além de evitar formas graves da doença. Mais do que números, esses dados traduzem impactos concretos: menos sofrimento, menos sobrecarga hospitalar e mais proteção para os grupos vulneráveis.

Ainda assim, campanhas

como essa não podem depender apenas de apelos emocionais ou mobilizações episódicas. A fala do ministro, ao afirmar que o Brasil “está voltando a ser um campeão mundial em vacinação”, é um sinal positivo, mas precisa ser sustentada por ações contínuas e, sobretudo, por transparência. A população precisa confiar não apenas na eficácia das vacinas, mas também na clareza das informações, na regularidade da oferta e na seriedade da gestão pública.

O próprio alerta feito por Padilha sobre o risco de retorno da paralisia infantil, doença antes erradicada, evidencia o perigo da queda na cobertura vacinal. Recuperar os índices não é apenas uma questão técnica; é um desafio cultural. E cultura se constrói com exemplo, coerência e credibilidade.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer avanços recentes, como a ampliação do acesso a vacinas antes restritas à rede privada, como a contra o VSR, que protege gestantes e bebês, e a ACWY, contra a meningite. Também merece destaque o mutirão de exames e cirurgias na saúde da mulher, que já alcançou centenas de milhares de atendimentos. Essas ações reforçam o papel do Sistema Único de Saúde como instrumento de equidade.

Opinião do leitor

Lava-Pés

O papa Francisco mudou a tradição de séculos que permite apenas homens na cerimônia de Lava-Pés, realizada durante a Quaresma. Agora, os padres poderão escolher os participantes do rito “entre todos os membros do povo de Deus” - ou seja, mulheres também.

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.